

Não-Me-Esqueças: Pensando o Genocídio Armênio pela ótica do sobrevivente Hampartzoum Chitjian (1901-2003)

Palavras-Chave: Genocídio Armênio, Memória , Testemunho

Autores(as):

Gabriel Santos Bueno de Oliveira, IFCH - UNICAMP

Prof^a. Dr^a. RAQUEL GRYSZCZENKO ALVES GOMES (orientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O livro “A um fio da morte: Memórias de um sobrevivente do Genocídio Armênio”, é uma obra de testemunho de Hampartzoum Chitjian, um sobrevivente do Genocídio Armênio (1915). O livro retrata a vida de Hampartzoum, desde sua infância em Perri, uma pequena vila da região de Kharpert (atual região de Harput, na Turquia), até o final de sua vida na Califórnia, onde escreveu suas memórias e faleceu em 2003. A história da vida de um sobrevivente de 102 anos, que vivenciou um dos episódios mais sombrios do século XX, carrega em suas palavras a memória de mais de 1 milhão e meio de vítimas armênias¹, além das dores e o sofrimento de um povo que, até os dias atuais, ainda não conseguiu ter paz dos acontecimentos de 1915.

O genocídio pode ser caracterizado como a tentativa ou objetivo de extermínio, em uma determinada região ou território, de uma etnia. A ideia de genocídio é inicialmente desenvolvida por Raphael Lemkin, advogado polonês, e resultaria na “Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio” da ONU de 1948. Lemkin começou a teorizar a ideia de genocídio tendo em vista a experiência armênia; contudo, conseguiu força política para elaboração de leis internacionais apenas com os eventos do Holocausto durante a Segunda Guerra Mundial².

O estudo do caso de Hampartzoum Chitjian em seu testemunho abre um grande leque de análises possíveis. Tendo nascido em 1901, Chitjian tinha 14 anos em 1915, ano de início do genocídio. Durante sua jornada, Hampartzoum vive na pele os perigos e traumas de um genocídio: a captura de seu pai e seu desaparecimento, deparar-se com as ossadas dos armênios que participaram das marchas da morte³, a luta pela

¹ “There were an estimated two million Armenians living in the Ottoman Empire before the First World War. Approximately one and a half million Armenians were killed from 1915-1923. The remaining part was either islamized or exiled.”. Armenian Genocide. “THE ARMENIAN GENOCIDE MUSEUM-INSTITUTE” FOUNDATION, 2007-2021. Disponível em: http://www.genocide-museum.am/eng/armenian_genocide.php. Acesso em: 27 de abr. de 2024.

² JACOBS, Steven Leonard. Raphael Lemkin e o Genocídio Armênio. In: CAR, Maria Luiza Tucci; YEGHIAZARYAN, Lusine. Genocídio Armênio: Protótipo do Genocídio dos Tempos Modernos. p. 55-65.

³ “Alegando razões de guerra e de segurança nacional, sob o pretexto de serem deslocados para regiões mais seguras do Império, os armênios, em sua maioria mulheres, crianças e idosos, foram levados em caravanas, atravessando os desertos da Síria e da Anatólia rumo aos campos de concentração. Obviamente, como era de se esperar, a maioria não chegaria a seus destino, uma vez que, durante o longo trajeto, muitos foram massacrados com métodos indescritíveis. Outros foram atirados em alto-mar ou afogados nos rios Eufrates e Tigre. Não foram poucos os que, enlouquecidos diante das cenas de selvageria,

sobrevivência e o desafio de ser armênio em uma sociedade turca que os caçava. Dessa forma, é possível pensar em várias questões a partir de sua obra, como por exemplo: a vida que levavam os armênios antes dos eventos de 1915, a movimentação das comunidades armênias com o início das perseguições, as questões de conversão forçada de crianças e mulheres e como essa prática propriamente se caracteriza como genocídio, a atuação dos países ocidentais na questão armênia, a diáspora armênia e a fuga de suas terras históricas na Anatólia oriental, como o genocídio afeta para sempre a vida dos sobreviventes, além de várias outras abordagens.

O estudo do Genocídio Armênio geralmente é muito baseado em fontes ocidentais da época a respeito do tema (trata-se da documentação produzida por diplomatas americanos, militares alemães, missionários de diferentes nacionalidades, por exemplo). Os testemunhos de sobreviventes, tendo conquistado espaço entre as fontes para as pesquisas do genocídio, apresentam abordagens diferentes de estudo e carregam também um forte teor memorialístico sobre o tema, retratando mais diretamente a relação do genocídio com o povo genocidado.

O testemunho também é importante para a manutenção da memória. A escrita de testemunho, ainda mais por uma vítima, carrega uma carga de personalidade que nenhum documento oficial poderia trazer. O caso de um testemunho de um genocídio evidencia também as cicatrizes e dores carregadas pelas vítimas deste crime. Dessa forma, é possível pensar no impacto que este ato de relato traz para a luta da reconhecimento de um crime que possui demasiadas provas a seu respeito, mas que, entretanto, ainda não possui um reconhecimento oficial amplo⁴.

A luta pelo reconhecimento do Genocídio Armênio ganhou força recentemente por conta da luta e visibilidade trazida pelo centenário do genocídio em 2015. Contudo, continua sendo explicitamente negado pela Turquia e Azerbaijão, além da forte negação do Paquistão. Alguns membros do meio acadêmico ainda relutam em caracterizar o Genocídio Armênio como uma política governamental e algo premeditado por parte dos turcos, muito por conta da falta de fontes oficiais turcas que comprovem essa afirmação⁵. Essa relutância fortalece a posição de negação da Turquia, se tornando um empecilho para um reconhecimento mais amplo: isso reforça a importância de pesquisas centradas na análise de registros testemunhais, já que estes podem enfraquecer o movimento de negação do Genocídio Armênio ao serem tratados não apenas como relatos, mas também como provas daquilo que contam.

A ideia dessa pesquisa vem da urgência com que esse tema precisa ser trabalhado, tendo em vista, por exemplo, os ataques feitos pelo Azerbaijão à República de Artsaque⁶ em 2020, que levaram a sua anexação em 2023 e completa dissolução em 2024, gerando a expulsão de quase 200 mil armênios étnicos do Alto Carabaque que fugiram para a República da Armênia, elevando as tensões na região cada vez mais. O Azerbaijão intensifica o discurso hostil e clama por territórios armênios, aumentando o risco para os armênios da região. Por isso, pensar o testemunho de um sobrevivente dos acontecimentos de 1915 é importante para evitar uma nova tragédia.

preferiram se suicidar ou morreram vítimas da inanição e de diversas epidemias que se abateram sobre as caravanas desprotegidas.” CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; YEGHIAZARYAN, Lusine. Genocídio Armênio: Protótipo do Genocídio dos Tempos Modernos. 2021. p.38

⁴ Na atualidade, 32 países reconhecem oficialmente o Genocídio Armênio. Disponível em: https://www.armenian-genocide.org/current_category.7/affirmation_list.html Acesso em: 09 de mai. de 2024

⁵ “Many scholar suggest, in fact, that there can be no conclusion until the Turkish government accepts responsibility for the genocide and releases all the documents relevant to its origins and course.” NAIMARK, Norman. *Fires of Hatred: Ethnic Cleansing in Twentieth-Century Europe*. 2001. p.38

⁶ A República de Artsaque é um estado étnico armênio de auto proclamada independência, resultado da dissolução da União Soviética, e que envolve uma disputa territorial e política entre a Armênia e o Azerbaijão.

METODOLOGIA:

"Nunca se sobrevive a um Genocídio", afirma Hampartzoum Chitjian nas páginas iniciais do livro "A um fio da morte: Memórias de um sobrevivente do Genocídio Armênio". Essa frase demonstra a dualidade dos registros testemunhais, pois evidencia o sofrimento vivido por uma vítima de genocídio, mas também a atitude de resistência que representa escrever um testemunho. Dessa forma, mostra que os criminosos perpetradores do Genocídio Armênio não venceram; a história dos armênios vive nessas pessoas, como Hampartzoum, que carregam as marcas e memórias de um genocídio. A importância do testemunho de Hampartzoum se evidencia nas últimas palavras de sua autoria em seu livro, destinadas especialmente ao leitor: "Com as dificuldades de ter cento e dois anos de idade, ... , encontrei dificuldades em correr para completar meu testemunho para você. Eu agora faço o meu apelo final para que minha vela permaneça acesa até que o Genocídio dos Armênios cometido pelos turcos de 1890 a 1923⁷ seja levado à Corte Internacional e que os armênios recebam a sua redenção para ter soberania de suas amadas terras e do Ararat...".⁸

Pensando essa frase, esta pesquisa utiliza como fonte principal de estudo o livro "A um fio da morte: Memórias de um sobrevivente do Genocídio Armênio", por compreender que ele representa parte da luta por justiça pelo povo armênio. O debate realizado é fundamentado principalmente na historiografia sobre genocídios, além de trabalhos específicos sobre o Genocídio Armênio. Para isso, utiliza-se de materiais mais clássicos sobre o assunto, além de materiais contemporâneos, em especial os que surgiram graças ao efervescer historiográfico consequente do centenário do Genocídio Armênio em 2015. Com isso, estabelecendo um diálogo entre uma historiografia mais clássica e consolidada, balizando sua leitura àquela de obras que têm trazido novas perspectivas a respeito do assunto, refletindo assim a atualidade do Genocídio Armênio nos debates historiográficos.

Esta pesquisa se baseia em argumentos trabalhados por diversos autores, visando contribuir no campo dessas reflexões analíticas. Um dos principais pontos de articulação são as ideias de genocídio trabalhadas em *The Specter of Genocide*⁹ que nortearão muitas das discussões neste projeto. Também são importantes os conceitos abordados nos artigos que compõem a obra organizada por Márcio Seligmann-Silva, *História, Memória e Literatura*¹⁰, em especial as reflexões sobre como aproximar-se de obras testemunhais. Além disso, são pautados temas de *Survivors: An Oral History of the Armenian Genocide*¹¹ de Donald E. Miller, *The Armenian Genocide in*

⁷ A historiografia reconhece o início do Genocídio Armênio no dia 24 de abril de 1915 se estendendo até meados de 1923. Contudo, Hampartzoum considera a data de 1890, pois é o período onde as perseguições contra armênios se intensificam, incluindo assim, os massacres de 1895. Para um armênio do período, a violência vivida é muito parecida a de um genocídio, embora ainda não inclua políticas de extermínio. NAIMARK, Norman. *Fires of Hatred: Ethnic Cleansing in Twentieth-Century Europe*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010. p.6

⁸ CHITJIAN, Hampartzoum. *A um fio da morte: Memórias de um sobrevivente do Genocídio Armênio*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. p.552

⁹ GELLATELY, Robert; KIERNAN, Ben. *The Specter of Genocide: Mass murder in historical perspective*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. 396 p.

¹⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura: O Testemunho na era das Catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 525 p.

¹¹ MILLER, Donald E. *Survivors: an oral history of the Armenian genocide*. Berkley: University of California Press, 1993.

*Perspective*¹² Richard G. Hovannisian e *In God's Name*¹³ de Omer Bartov, estes são os principais nortes no que se refere à especificidade das questões armênias no genocídio.

Articula-se ainda uma discussão entre a relação de testemunho e memória, além de sua influência em outros tópicos. É notável a transformação que o evento do Holocausto traz para a História e o registro dos eventos, tornando-se incontornável pensar sobre o gênero *literatura de testemunho* e sua importância para reassegurar a história e a memória dos genocídios. Considerando isso, é necessária a articulação das ideias de testemunho, história e memória, pois, ao interligá-las, é possível a utilização desses conceitos para explicar como o testemunho de Hampartzoum é parte importante da ampliação do lugar da memória de sobreviventes para a continuidade dos debates historiográficos que, no século XXI, voltam suas atenções para os temas dos genocídios, bem como para a preservação da memória do Genocídio Armênio. Destaca-se nesta questão, principalmente, as obras de Paul Ricœur *A memória, a história, o esquecimento*¹⁴, *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*¹⁵ de François Hartog.

RESULTADOS, DISCUSSÕES E CONCLUSÕES:

Esta pesquisa surge com uma inquietação muito maior do que qualquer problema historiográfico. Surge da inquietação humana de olhar para o caso do Genocídio Armênio e não enxergar uma solução para este crime nefasto da humanidade. O fracasso humano de permitir que os mais de 1.5 milhões de armênios fossem mortos, é o mesmo que banalizou os genocídios coloniais e que ainda permite os genocídios atuais, como o de Gaza e de Darfur. A conceitualização de Lemkin tentou impedir a continuação deste crime, mas resultou na Nakba e a uma construção memorialística errônea do conceito de genocídio que até hoje é mal entendido por muitos.

A pesquisa tenta demonstrar que o cerne do problema da questão armênia perpassa necessariamente por uma questão memorialística, da qual resultou em problemas de reconhecimento do genocídio do qual ainda é questionado justamente por conta desta memória em disputa. O testemunho de Hampartzoum Chitjian demonstra que o testemunho é ferramenta extremamente útil e importante no combate pelo reconhecimento. A escrita testemunhal apresenta fatores de interpolação na memória de um evento e sua articulação pela historiografia permite a efetivação deste registro no formato de fonte. Num crime onde fontes oficiais são escassas, o testemunho se torna uma arma essencial no combate pelo reconhecimento no mundo da pós-verdade.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, adicionou-se a preocupação de demonstrar a utilidade e a necessidade de uma maior utilização de ferramentas de memória e principalmente de testemunho. A historiografia se beneficiaria significativamente com uma maior articulação de ferramentas memorialísticas, sendo estas já articuladas por outros setores da sociedade, como setores de mídia ou informativos. Uma maior articulação historiográfica da memória seria essencial para uma maior conexão para o mundo extra acadêmico, permitindo uma conversa mais simples e direta com a sociedade, uma vez que a memória está mais próxima da vida cotidiana do que a historiografia.

¹² HOVANNISIAN, Richard G. *The Armenian Genocide in Perspective*. New Brunswick: Terence Des Pres, 1986.

¹³ BARTOV, Omer. *In God's Name: Genocide and Religion in the Twentieth Century*. Nova York: Berghahn Books, 2010. 416 p.

¹⁴ RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 536 p.

¹⁵ HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 267 p.

BIBLIOGRAFIA

- BARTOV, Omer. In God 's Name: Genocide and Religion in the Twentieth Century. Nova York: Berghahn Books, 2010. 416 p.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e (Res)Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; YEGHIAZARYAN, Lusine. Genocídio Armênio: Protótipo do Genocídio dos Tempos Modernos. São Paulo: Edusp, 2021. 389 p.
- CHALK, Frank; JONASSOHN, Kurt. The History and Sociology of Genocide: Analyses and Case Sstudies. New Haven: Yale University Press, 1990.
- CHAMY, Israel W. Genocide: A Critical Bibliographic Review. Londres: Mansell Publishing, 1991.
- CHITJIAN, Hampartzoum. A um fio da morte: Memórias de um sobrevivente do Genocídio Armênio. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. 571 p.
- COMMISSION ON SECURITY AND COOPERATION IN EUROPE. A Century of Denial: The Armenian Genocide and the Ongoing Quest for Justice. Washington: Government Publishing Office, 2015. 55 p.
- GELLATELY, Robert; KIERNAN, Ben. The Specter of Genocide: Mass murder in historical perspective. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003. 396 p.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 267 p.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. 1. ed. São Paulo: Centauro, 2006. 224 p.
- HOVANNISIAN, Richard G. The Armenian Genocide in Perspective. New Brunswick: Terence Des Pres, 1986.
- HOVANNISIAN, Richard G. The Question of Altruism During the Armenian Genocide of 1915. In: OLINER, Pearl M.; OLINER, Samuel P.; BARON, Lawrence; BLUM, Lawrence A.; KREBS, Dennis L.; SMOLENSKA, M. Zuzanna. Embracing the Other: Philosophical, Psychological, and Historical Perspectives on Altruism. New York: NYU Press, 1992. p. 282-305.
- MILLER, Donald E. Survivors : an oral history of the Armenian genocide. Berkley: University of California Press, 1993.
- RICŒUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 536 p.
- NAIMARK, Norman. Fires of Hatred: Ethnic Cleansing in Twentieth-Century Europe. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2010. 256 p.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. História, Memória, Literatura: O Testemunho na era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 525 p.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. Silencing the past: Power and the production of history. Boston: Beacon Press, 1995. 190 p.